




Berlim a Copenhague

Uma sensacional ciclovagem entre duas famosas metrópoles europeias amigas da bike

 Paulo de Tarso

É quase impossível viajar com uma programação preconcebida pelos 630 km entre Berlim e Copenhague. Novidades inesperadas, o prazer e as surpresas regem o roteiro pela região conhecida por sua magnífica paisagem, excelente gastronomia e ótimo sistema de informações culturais ao longo do trajeto, o que sempre implica em alterações de percurso e quilometragem.



Trecho Alemão

Berlim a Rostock
370 km

A Alemanha é indicada para qualquer tipo de ciclista. Um lugar amigo da bicicleta e da natureza. Durante o trecho alemão, passamos por sedutoras e vibrantes cidades, com impressionante arquitetura, excelentes centros de compras e vida noturna pulsante. As impecáveis ciclovias em praticamente todo o trajeto nos colocavam longe dos carros e em meio a cenários de natureza deslumbrante. A calorosa recepção, hospitalidade e respeito não só pelo cidadão, mas sobretudo pelos ciclistas, tornou a viagem memorável. A Alemanha é um dos melhores lugares do mundo para pedalar.

A capital da Alemanha é fascinante, com muitas opções culturais: ópera, galerias e museus, festivais de cinema e teatro. No final do século XIX, Berlim era a grande metrópole europeia, com tanto prestígio como Paris. A Segunda Guerra Mundial fez com que ficasse partida ao meio, diminuindo sua fama. Agora, com a Alemanha reunificada, Berlim retoma sua importância. A cidade esteve em voga diversas vezes: foi capital da Prússia, do Império Alemão, dividida depois da guerra, centro das atenções mundiais durante o bloqueio dos soviéticos em 1948 e foi palco da emblemática queda do muro, em 09 de novembro de 1989.

Berlim estende-se por 892 km² e possui 3,4 milhões de habitantes. É um centro econômico dinâmico, ponto de

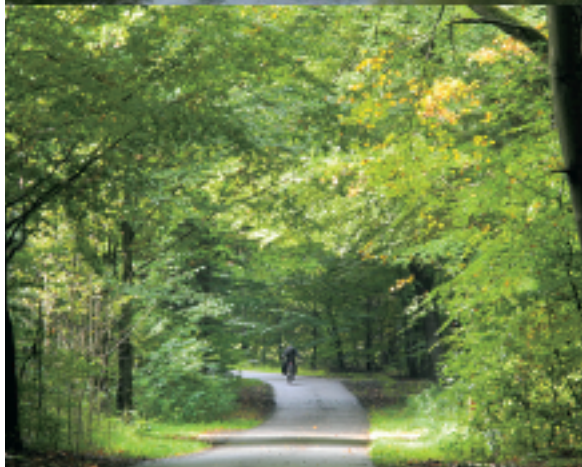
cooperação entre o leste e o oeste, metrópole cultural internacional, uma das cidades universitárias e centros de investigação e desenvolvimento mais importantes do mundo. Mesmo com inúmeras indústrias, a cidade encanta seus visitantes com parques, bosques, lagos e ciclovias que cortam toda a cidade. Um terço da cidade é espaço verde e água.

O bairro Nicolau, com suas casas antigas e onde está instalada a Câmara Municipal (conhecida como Rotes Rathaus - Câmara Vermelha, por ter sido construída com tijolo vermelho), é um bom ponto de partida. Vá até a famosa Alexanderplatz, no meio da qual se ergue a torre de televisão (Fernsehturm) de 365 metros, sobre a qual existe um restaurante e uma plataforma panorâmica.

Visite também a Catedral de Santa Hedwig, construída no século XVIII e reconstruída em 1963. Chega-se assim à Alameda Unter den Linden, palco de inúmeras manifestações durante o poder nazista, ladeada de monumentais palacetes que durante os 40 anos da R.D.A. albergaram as embaixadas dos países socialistas. A cidade possui inúmeros palácios, por ter sido capital desde muito tempo.

Na parte norte da alameda encontra-se a Universidade Humboldt, construída em 1810; foi aqui que estudou Karl Marx entre 1836 e 1841. No meio da avenida está a ópera construída em 1743 por Knobelsdorff; completamente destruída durante a





guerra, foi reconstruída segundo os planos originais e reaberta ao público em 1955.

A alameda termina no Portão de Brandemburgo, que foi o ponto de partida da nossa travessia. Com suas doze colunas dóricas de estilo grego, tornou-se símbolo pós-guerra da divisão da cidade, pois foi em um palanque construído à sua frente que John F. Kennedy proferiu a sua famosa frase: "Ich bin ein Berliner" (Sou um habitante de Berlim). Junto à Porta está o Reichstag, o antigo parlamento alemão.

No rumo a Copenhague, chega-se à Praça da Grande Estrela, no centro da qual está a enorme Coluna da Vitória (Siegessäule), com 67 metros, erguida por ordem do Imperador Guilherme I em memória às vitoriosas guerras prussas. Em direção ao rio Spree se encontra, às suas margens, o Palácio Bellevue, residência oficial do presidente alemão.

O centro do consumo de Berlim: Ku'Damm e ruas vizinhas

Kurfürstendamm, conhecida por Ku'Damm, é a rua comercial de grande prestígio, com lojas de luxo gigantes, estandes de automóveis, cinemas, cafés e discotecas. Foi aberta em 1881, por iniciativa de Bismarck. Merecem uma visita o Europa-Center, centro comercial de 22 andares e o armazém KaDeWe (Kaufhaus des Westens - armazém do ocidente), já com mais de 80 anos de existência, sete andares, 43.000 m² e 250 mil artigos.

Perto você pode visitar a Igreja da Memória (Gedächtniskirche), construída

entre 1891 e 1895 pelo imperador Guilherme I, destruída durante a guerra e reconstruída para ficar de aviso às gerações futuras. Se ainda tiver forças, você pode ir até o Palácio de Charlottenburg e aproveitar os jardins do palácio para descansar, ou pode ir até a famosa Praça de Potsdam (Potsdamer Platz), totalmente renovada e descanse olhando a tela gigante no Sony Center.

Começo da travessia alemã

Depois do Bike Tour por Berlim, iniciamos nossa travessia rumo a Oranienburg. Saíndo da zona urbana, os 60 km dessa primeira etapa apresentaram encantadores e tradicionais vilarejos e paisagens pitorescas, uma constante durante toda a viagem - perfeito para pedalar. O Palácio de Oranienburg, às margens do Rio Harvel, é parada obrigatória.

O trecho de 50 km entre Oranienburg e Ziegeleipark Mildenberg é tranquilo, às margens de um belo canal. O local é um Museu Industrial do Tijolo e ponto de ancoragem da Rota Europeia do Patrimônio Industrial. O restaurante Alter Hafen é um bom local para se hospedar. Depois, passando pela bela cidade de Fürstberg, nosso destino foi Neustrelitz, com inúmeras atrações turísticas barrocas, dentre as quais se destacam o Palácio e Parque Rheinsberg e o Castelo Barroco em Mirow.

Uma das etapas mais duras é de Neustrelitz a Waren, atravessando o Müritz-Nationalpark. Mas depois de 77 km quase desertos, a chegada em Waren compensa pela beleza da cidade, onde há um belo centro histórico e pontos de visita, como o Museu de História Natural. De Waren a Güstrow

também são 76 km duros, mas com muitos atrativos pelo caminho. Na pequena e simpática cidade de Krakow am See, o destaque é a Torre de Observação em Jornberg, balneário histórico, histórica peixaria, margens do Rio, prefeitura e sinagoga. Em Güstrow temos como principal destaque o belo Castelo Renascentista, além do centro da cidade com vários lugares a visitar.

O último trecho na Alemanha é ao lado de um canal, 60 km de Güstrow a Rostock, cidade universitária onde, em 1419, foi fundada a Universidade da Costa do Báltico. Em sua história, Rostock foi marcada por invasões e destruição, mas hoje é bela e organizada. Uma dica é ficar um dia a mais na cidade e passar o dia em Warnemünde, antiga vila de pescadores onde se encontra a maior praia da Alemanha, com bons hotéis, restaurantes e lojinhas distantes pouco mais de 30 km do centro da cidade.

Trecho Dinamarquês

Gedser a Copenhague
254 km

Deixando a cidade alemã de Rostock de navio em um pequeno cruzeiro de duas horas, a primeira cidade dinamarquesa é Gedser, porta de entrada da Dinamarca no Mar Báltico. Localizada na rica Escandinávia, a Dinamarca é um país pequeno, moderno, com infraestrutura turística de qualidade e detentor de uma história longa e dramática. A era viking de 1.000 anos atrás foi um capítulo importante na fundação da nação e encontramos sua herança por onde quer que se viaje. Hoje, os dinamarqueses são considerados o povo mais feliz da Europa. A monarquia dinamarquesa é uma instituição aberta e moderna, que se move com os tempos e reflete a diversidade.

O respeito ao ser humano, o amor à natureza, a forma de educar as crianças e acompanhar a terceira idade, a taxa de desemprego mais baixa da Europa e a forma como o ciclista é bem-vindo nos fez dizer de imediato: o lugar é um paraíso.

No trecho dinamarquês da rota Berlim a Copenhague, a sinalização específica da rota só constam no trecho alemão, mas as sinalizações para bicicleta continuam. Por isso, para não se perder, é importante sempre saber para qual cidade seguirá. Até Copenhague é necessário ficar atento a essas sinalizações e seguir as placas com o número 9 em vermelho, que significa Estrada Nacional 9 para bicicletas.

O trajeto é quase todo plano e litorâneo, cruzando cidades históricas e turísticas em meio a belas paisagens. Depois de quilômetros de hospitalidade e boa gastronomia nórdica, chegar à Copenhague é emocionante. Bicletas, bicicletas e muitas bicicletas! Por mais que você já tenha lido sobre a cultura da bicicleta em Copenhague, é incrível ver a organização e eficiência da cidade. Ciclovias, ciclofaixas, bicicletários e sinalização para bicicletas, como as sinaleiras em miniatura, compõem a infraestrutura ciclística. As faixas não são pintadas, são elevadas, ou seja, mais baixas do que a calçada e mais alta do que a rua.

A interação entre pedestres, ciclistas, motoristas e passageiros do transporte público é fantástica. Quando o ônibus para ao lado da rua, por exemplo, os ciclistas param para esperar os passageiros descerem, atravessarem a faixa de bicicletas e entrarem na calçada. Para um arquiteto e amante da bicicleta, conhecer a Dinamarca é como entrar em um conto de fadas. O alto padrão de vida, políticas sustentáveis e a cultura local inspiraram contos infantis escritos por Hans Christian Andersen, no século XIX, como A Pequena Sereia.

Sabemos que ver uma sociedade como turista é quase sempre ver só a melhor parte. Lembra um pouco a visão que se tem de alguém observando o seu perfil no Facebook: a versão pública, editada. Mas é bom lembrar-se de não ficar com tanta inveja quando você curtir a página de Copenhague. Para quem vive lá, nos bastidores, sempre há alguns monstros, algo normal em qualquer metrópole.

A travessia até Copenhague

Na Dinamarca foram quatro dias de pedal até chegar em Copenhague - mas seria perfeito se tivéssemos mais tempo. Uma coisa é certa: é quase impossível pedalar naquele país sem tomar chuva. No primeiro dia, saindo de Rostock rumo a Nykøbing Falster, vale conferir o Farol de Gedser com seus 200 anos de idade, e o antigo Mercado da cidade de Nykøbing.

De Nykøbing à Ilha de Møn, são 69 km. Mas se as balsas que fazem a travessia de Stubbekøbing para Ilha Møn não estiverem funcionando, será necessário pedalar uns 90 km a mais. Stege é o maior vilarejo da Ilha de Møn, com 3.835 habitantes.

Do outro lado da ilha fica o Mons Klint, um parque natural que possui florestas, pastagens, lagoas e morros íngremes,





incluindo Aborrebjerg, com 143 metros de altura, um dos pontos mais altos da Dinamarca. Esse parque é popular entre os turistas de toda a Europa e recebe cerca de 250 mil visitantes por ano. É famoso entre os mountain bikers por possuir inúmeras trilhas sinalizadas para todos os níveis. É possível acampar ou alugar um chalé.

No litoral do parque há enormes falésias com 6 km de extensão e até 120 metros de altura, conhecidas como The Cliffs of Møn. Outras pontos de visita são o Geocenter Møns Klint, um centro geológico e natural que conta a história fascinante do desenvolvimento geológico da Dinamarca, e o Liselund Slotspark, um cenário de conto de fadas, românti-

co e bonito, perto de Mons Klint, com um castelo pequeno de palha, uma casa de chá chinês e uma cabana norueguesa. Situado entre os lagos, rios e pedras, foi um maravilhoso presente de amor de um marido para a sua esposa.

Saindo de Island Møn rumo a Rødvig, a pequena Præstø chama a atenção por seu pequeno porto, ruas sinuosas e a Igreja da Idade Média. Seis quilômetros após Fakse Ladelad encontra-se Vemmetofte, um mosteiro com 300 anos. Rødvig possui vista para o Mar Báltico e Stevns Cliff, um lugar único com atmosfera fantástica acolhedora e especial. Três quilômetros após Rødvig, é obrigatório visitar Stevns Fort, uma antiga base da Otan que funcionou

durante a Guerra Fria. Por mais de quatro décadas, a fortaleza subterrânea e suas armas de artilharia pesada controlava a entrada e saída do mar Báltico de todos os navios do Pacto de Varsóvia através de radares, sonares e hidrofones. Com 1,7 km de corredores sob as falésias cortados em pedra calcária, a fortaleza foi construída para resistir a um ataque nuclear. O local ainda possui tanques, mísseis, jeeps e um enorme arsenal. As ruínas Højerup, uma igreja construída na costa íngreme de uma falésia, é um destino muito interessante. A partir de Koge, o trajeto fica muito urbanizado e a viagem perde um pouco o charme. A dica é seguir de trem para aproveitar mais Copenhague. ■

Dicas

- Do centro de Rostock até o local onde se pega o navio para a travessia são 15 km. As saídas acontecem de duas em duas horas, por menos de 10 euros para quem está de bicicleta.
- Na região sul da Dinamarca a maioria das hospedagens são em Bed & Breakfast ou campings e grande parte das cidades litorâneas, fora de temporada, ficam desertas. Não é permitido morar lá porque serviços básicos não são fornecidos durante o rigoroso inverno.
- No trajeto na Dinamarca são poucos os lugares disponíveis para comer. Leve sempre uma reserva de comida.
- Em Copenhague, visite a loja de bicicletas Schroder Cykler e deixe um abraço ao proprietário Niel Christiansem, criador da bicicleta Free.

Quando ir: de maio a setembro. Em julho é uma época bastante cheia, em alguns lugares pode ser difícil conseguir hospedagens.

Como chegar a Berlim: Lufthansa tem vôos diários diretos via Frankfurt ou Munique a partir de São Paulo.

Na internet:

O site oficial do caminho: www.bike-berlin-copenhagen.com
Site oficial do turismo da Alemanha: www.germany.travel
Site oficial do turismo da Dinamarca: www.visiteastdenmark.com
Site oficial do turismo de Copenhague: <http://www.visitcopenhagen.com/>
Guia Impresso para comprar (disponível somente em alemão): <http://www.esterbauer.com/>

Quem leva: o Sampa Bikers organiza anualmente essa ciclovagem.